



ARCHIWUM  
LEGIONÓW  
i N. K. N.

Nr 1137

1768

# PILSUDSKI

SUA OBRA E SUA VIDA

POR

STEFAN POMARANSKI



DEPOSITÁRIA

LIVRARIA BERTRAND • LISBOA

exlibris  
wystawy

JP

kraków

1 9 3 5

PILSUDSKI  
SUA OBRA E SUA VIDA



M. Arch. 448/37



1137

leg. 1768

# PILSUDSKI

SUA OBRA E SUA VIDA

POR

STEFAN POMARANSKI



DEPOSITÁRIA

LIVRARIA BERTRAND • LISBOA

PIE SUDSKI

SUA OBRA E SUA VIDA

ALVARO COSTA

8







## PREFÁCIO DA EDIÇÃO PORTUGUESA

*Não é por um mero acaso, que aparece em língua portuguesa êste livro sôbre o Marechal Pilsudski.*

*O nome do Marechal é tão conhecido aqui, como na Madeira, onde passou alguns meses, levando dali as melhores, mais gratas e perduráveis recordações.*

*Sem dúvida alguma o Chefe e Restaurador polaco do Estado Independente deve ser bem compreendido pela Nação portuguesa, Nação que, como a Polónia, consagrou todo o seu acendrado amor patriótico na sua independência política.*

*O Marechal foi, e é, o Chefe da Polónia, desde o início da luta intensa até à completa vitória e ao triunfo final, mercê dos seus esforços extraordinários, de fadigas guerreiras, de dúvidas lancinantes, e do seu acrisolado sacrifício, levado até ao heroismo.*

*Êste grande feito, êste enorme esforço para a constituição do Estado Polaco, fêz d'Ele uma grande Indi-*

vidualidade, que reuniu em si todo o génio nacional e a quem os séculos da História da Polónia consagraram como um eminente Homem de Estado.

Este livro simples, sem pretensão alguma, vai percorrer largos círculos portuguezes, que hão-de comprehender bem a grandeza do Chefe polaco e a sua inquebrantável tèmpera, fôrça de intelligência e de vontade.

Assim, êste livro, vai ser difundido no País que trouxe inolvidáveis valores à Civilisação, valores imortais, cujo heroismo só pôde ser dignificado pela lira heroica de um Camões — País que encerra na sua História grandiosa, emergências semelhantes às da História da Polónia.

Isto, é a maior garantia do entendimento e da mútua comprehensão destes dois Povos.

\*  
\* \* \*

O Marechal José Clemente Pilsudski, primeiro chefe da ressuscitada República da Polónia e chefe supremo do exército polaco durante a guerra de 1919-1921, que teve por objectivo a reconquista da independência da Polónia, nasceu em 5 de Dezembro de 1867, em Zulow, pequena aldeia do município de Swienciany, e era o segundo filho dos quatro que nasceram do matrimónio de José Pilsudski e de D. Maria de Bilewicz, descendente duma velha família senatorial lituana. José Pilsudski, conhecido fazendeiro e industrial, muito estimado pelas suas virtudes civis, descendente dos príncipes lituanos, os Guinetes, foi comissário civil durante a insurreição nacional de 1863. Perseguido pelas autoridades russas, foi obrigado a abandonar o seu pòsto na região de Kowno e a trasladar-se para Zulow. Maria de Bilewicz, mulher de raras virtudes, imagem perfeita da matrona patriótica da última insurreição nacional, teve uma enorme influência na formação do character e do espírito do pequeno José. Sob a protecção materna, formou-se

a alma da criança num ambiente de tradições cavalheirescas, cheias das recordações e dos exemplos heroicos da última luta pela independência, e o seu espírito acabou de se fortalecer com a leitura dos poemas clássicos nacionais.

A infância de «Ziuk» — como carinhosamente o chamavam em casa — poderia ter sido «angélica e serena» se não fôra a cruel e sempre viva lembrança do fracasso da insurreição de 1863-4. Foi assim, numa atmosfera de amor ardente a Deus e à Pátria, que se sublimou o coração, se revoltou o espírito e se fortaleceu a alma do futuro herói da independência polaca. Era sempre com a frase do psalmo de Krasinski: «Em nome de Deus ressuscitará a Polónia», que Maria de Bilewicz terminava as longas conversas dos serões familiares, fortalecendo assim nos corações dos filhos a fé na independência da Pátria.

Em 1875, em virtude da sua má situação financeira, os pais de Ziuk mudaram-se para Wilno, onde êste foi matriculado no Liceu, que então funcionava no edifício da antiga Universidade polaca, de tão nobres tradições. Logo que chegou ao Liceu, Ziuk convenceu-se da veracidade das afirmações paternas sôbre os terríveis opressores russos, pois teve ocasião de conhecê-los de perto, como professores e mentores. Era evidente a sua hipocrisia, a sua má vontade, e, sobretudo, a teimosa perseguição que faziam a qualquer

demonstração do espírito polaco. Muitos anos depois, José Pilsudski contava que, sempre que tinha pesadelos, êstes tomavam a forma de professores russos.

A segunda escola, porém, a verdadeira, aquela onde abria o coração e o espírito, era a casa dos pais. Em casa, junto dos irmãos, deixava enfim correr livremente o seu entusiasmo. Sua mãe era a sua melhor confidente e foi ela ainda quem lhe deu ânimo para formar, com o seu irmão mais velho — Bronislaw (mais tarde célebre explorador e etnógrafo) um curso secreto, — «Spojnia» — (União), destinado a completar o estudo da literatura e da história da Polónia, e a defender a mocidade polaca da influência dos seus detestados professores russos. Sob a influência benéfica da bela inspiração das obras de Prus, Orzeszkowa, Sienkiewicz, Mickiewicz, Slowacki, então proibidas, e, portanto, pouco acessíveis, brotavam os sonhos, consolidavam-se as decisões da mocidade.

Foi durante o seu último ano de estudos, em 20 de Agosto de 1884, que José Pilsudski teve a desgraça de perder a sua adorada mãe, após uma longa enfermidade que a fêz sofrer cruelmente.

No mesmo ano, seguindo a «moda socialista», para empregar a sua própria expressão, dedicou-se aos estudos sociólogos, experimentando a ideologia da corrente extrêma.

Em 1885 principiou a estudar medicina na Univer-

sidade de Charkow e logo se ligou aos estudantes polacos revolucionários, passando a ser um dos seus mais ousados representantes. Por ter tomado uma parte demasiado activa nas manifestações dos estudantes logo no ano seguinte foi expulso da Universidade pelas autoridades russas, tendo então voltado para Wilno afim de continuar a obra conspiradora que iniciara nos bancos da escola. Mas não foi dado a José Pilsudski dedicar-se por muito tempo a êste trabalho ; por ocasião do atentado contra o Tsar Alexandre III, o seu nome despertou a atenção da polícia.

Entre outros caudilhos da mocidade, prenderam também José, e seu irmão. José, envolvido nos autos do processo, não obstante faltarem quaisquer provas da sua participação no atentado, foi condenado, em 1887, a cinco anos de deportação administrativa na Sibéria Oriental. Os primeiros anos passou-os em reclusão na fortaleza de Petropawlowsk, em Petersburgo, hoje Leninegrado ; em seguida foi deportado para Kirynsk e finalmente para Tunka. Teve então ocasião de estudar de perto a alma do povo russo, tendo chegado logo à conclusão de que a Rússia representava um grande perigo para a Polónia, não só por causa do enorme poder do seu exército e da sua polícia, mas ainda por causa da influênciã destructiva do carácter e do moral dos russos.

Em Tunka, encontrava-se um veterano da causa

nacional, também exilado, Bronislaw Szwarcze, que legou a José, então ainda muito novo, uma fé ardente na ressurreição da Pátria martirizada.

Em 1892 voltou para Wilno. Entre a possibilidade duma vida tranqüila e pacífica e o terrível labor que era então o de forjar a vontade nacional, escolheu êste segundo caminho. Por esta altura, em consequência do Congresso Socialista Polaco, em Paris, formou-se um partido que logo se transformou num grande campo revolucionário e que tinha por fim não só o programa geral socialista mas também um esforço bem determinado : a independência da Polónia. José Pilsudski entrou, sem hesitações, no novo partido, que tomára o nome de Partido Socialista Polaco, para exercer uma parte activa num movimento operário. Êste novo partido conseguiu logo reünir todos os grupos socialistas do país e todos os emigrados que se encontravam no estrangeiro. Mas o socialismo e a revolução foram apenas meios de que Pilsudski se serviu para combater o jugo dos invasores russos ; o seu espírito observador pressentia no operário polaco uma fôrça imensa e creadora, capaz de fundar o edifício da futura independência nacional.

Envergando uma blusa de operário, José Pilsudski prègou a igualdade de todos os cidadãos perante a Pátria que mais do que nunca precisava de perseverança e de sacrifícios. Aos párias da injustiça social

apontava o dever sagrado, ideal da vida, resultante de todos os esforços: a guerra pela independência da Pátria e pela igualdade de direitos. Entretanto um outro herói nacional, Kosciuszko, vestido de lavrador, prègava aos camponeses a igualdade social perante o altar da Pátria.

José Pilsudski foi um dos organizadores do operariado polaco. Como primeiro membro da Junta Trabalhista, depois denominada «Junta Central Trabalhista», começou a desenvolver a sua acção com um pequeno grupo de companheiros, tendo o resultado ultrapassado tôda a expectativa. Primeiramente fundou, na remota aldeia de Lipniszki, uma pequena tipografia clandestina, pois a imprensa foi sempre uma arma eficaz contra o inimigo. Nesta tipografia, José Pilsudski, acompanhado pelo seu amigo Alexander Sulkiewicz, morto em 1916, em Wolyn, como sargento da 1.<sup>a</sup> Brigada das Legiões, foi ao mesmo tempo redactor principal e distribuïdor. Êste labor, feito às escondidas, encontrava eco em tôda a Polónia. Mesmo às aldeias mais remotas chegavam as palavras do chefe fomentando a revolta contra a fôrça brutal dos invasores.

Muitas proclamações saíram desta tipografia, sem contar com o jornal «Robotnik», «O Operário», que foi o órgão oficial do partido. O número de colaboradores aumentava de dia para dia.



Em 1895 a tipografia foi transportada para Wilno e mais tarde, em 1899, para Lodz, o principal centro da indústria polaca. No mesmo ano José Pilsudski casou-se com D. Maria de Kopelski Juszkiewiczowa, membro da sociedade secreta conspiradora de Wilno.

Assim se ia continuando a difícil tarefa de despertar as almas. Mas, distribuir programas e proclamações, não bastava. Era preciso dar mais um passo, ter um gesto mais ousado: enfrentar o inimigo armado, familiarizar o povo com a morte no inevitável choque.

Por ocasião do 1.º de Maio, organizaram-se manifestações que foram reprimidas, não sem vítimas, pela polícia e pelo exército. Estas manifestações tinham por fim—como as que precederam a insurreição de 1863—inflamar o povo, prepará-lo para a acção. Mas um rude golpe esperava o partido: a polícia descobriu a tipografia e, na noite de 21 Fevereiro, José Pilsudski e sua mulher, foram presos. Foi grande a consternação dos amigos e dos partidários de Pilsudski, mas a obra conspiradora avançava rapidamente e, após uma inevitável depressão moral, os seus amigos recommençaram a trabalhar como outróra. Para libertar o chefe prêso, conseguiram, graças a uma astúcia, que êste fôsse transportado duma secção de presos políticos, severamente vigiada, o «Pavilhão X» da cidadela de Varsóvia, para o hospital de Petrogrado. Dali,

com a ajuda do dr. Ladislau Mazurkiewicz, Pilsudski conseguiu fugir para o estrangeiro. Antes, porém, visitou em Kiew a nova tipografia, e em Polesie, em casa dum amigo, sua mulher que fôra posta em liberdade, graças a uma fiança.

Depois duma breve permanência em Londres, onde se achavam todos os fios da conspiração, representada pelos membros do Partido Socialista Polaco, Pilsudski volta para Cracóvia afim de reassumir as funções de chefe.

Nesta altura a guerra russo-japonesa parecia quasi inevitável. O momento era propício para tentar um levantamento na rectaguarda do exército russo, instalado na Polónia. Também se admitia a possibilidade duma revolução na Rússia, facto que seria extremamente favorável à causa polaca. Mas, para provocar um levantamento, faltava o dinheiro, o exército e, sobretudo, faltavam as armas. Contudo era necessário aproveitar êste momento favorável para sacudir a inércia da nação e para interessar os demais países pela sorte da Polónia. José Pilsudski elaborou então um plano: opôr-se à mobilização da Polónia para impedir o transporte dos polacos para o Extrêmo-Oriente e evitar assim que morressem nas fileiras do exército estrangeiro. Infelizmente, porém, a nação não estava preparada para obedecer prontamente à voz do chefe. O govêrno japonês, que não tinha uma noção exacta

da questão polaca, também recusou o seu apoio quando Pilsudski lhe solicitou armas em troca dum levantamento na Rússia.

Pilsudski não perde a coragem, e, sem perder tempo, começa a organizar com entusiasmo e fé, pequenos destacamentos volantes, compostos de homens dispostos a morrer, se fosse necessário. Estes grupos, distribuídos por tôda a Polónia ocupada pelos russos, tinham por missão destruir as instalações militares, pontes, caminhos de ferro e depósitos de munições, aterrorizar as autoridades russas por meio de assaltos aos postos de polícia, aos quartéis, e aos domicílios de altas personalidades, etc. Ao mesmo tempo, organiza manifestações revolucionárias nas grandes cidades, especialmente em Varsóvia e em Lodz, afim de fazer sentir aos invasores a vontade firme da nação polaca. A primeira manifestação teve lugar, por ordem de Pilsudski, no dia 13 de Novembro de 1904, na praça de Grzybow, em Varsóvia.

Esta manifestação deu início a uma luta sem tréguas. Em consequência de sucessivas greves operárias, reinava em tôda a Polónia, invadida pelos russos, uma atmosfera favorável aos projectos de Pilsudski : grupos armados de bombas e de materiais explosivos adquiridos à custa de grandes sacrifícios, atravessaram as fronteiras que separavam a Polónia da Rússia e da Áustria. Esta luta titânica ultrapassava, porém, as

possibilidades dêstes pequenos destacamentos e, alguns meses depois, dizimados pelas balas do inimigo, desaparecem. Mas Pilsudski não desanima. Firmemente convencido de que a independência da Polónia só poderá conseguir-se pela luta armada, recomeça a organizá-la noutras bases.

Em 1908 forma-se em Lwów um «Centro Militar» que tem como membros os partidários das ideias de Pilsudski. Êste Centro, dirigido por Kazimierz Sosnkowski, hoje general polaco, foi dedicado aos altos estudos das artes militares. De vários centros semelhantes nasceu a organização militar secreta «União da luta armada», que tinha por fim a realização do programa de Pilsudski. No firmamento político surge de novo a possibilidade dum conflito armado, desta vez entre a Rússia e a Áustria, por causa da Bósnia e da Herzegowina. Entretanto a arte militar excita cada vez mais a curiosidade da juventude e dos camponeses polacos, finalmente convencidos de que a liberdade nacional só pode ser reconquistada pela fôrça organizada, a exemplo do exército regular.

O número de partidários desta corrente cresce dia a dia e, para despistar a polícia austríaca e os espiões, torna-se necessário dár uma forma de existência legal a esta organização, até então secreta. Assim foram fundados em 1910 vários grupos e clubes de atiradores, em diferentes cidades do país, como a «União dos

Atiradores», em Lwów, e «O Atirador», em Cracóvia. Estas organizações foram públicas na parte da Polónia que então pertencia à Áustria, mas conservaram-se secretas nas regiões que estavam sob o domínio da Rússia e da Alemanha, tendo criado raízes para além da Polónia entre os emigrados que viviam no estrangeiro.

José Pilsudski via com satisfação a marcha da sua ideia e regosijava-se com o aumento do futuro exército nacional.

O desenvolvimento destas organizações foi consideravelmente facilitado pela criação do «Tesouro de Guerra», em 1912, que tinha por fim juntar dinheiro para a compra de armamento e para tôdas as despesas que tivessem qualquer relação com a instrução militar. As sociedades desportivas, numerosas na Polónia, também deram a sua adesão ao novo exército, preparando uma reserva excelente de rapazes educados nos sãos princípios do escotismo.

Os campos e bosques povoaram-se de rapazes, na maioria armados, que aproveitavam todos os momentos livres para se afazerem aos exercícios militares. A acção foi bem conduzida, os reforços bem coordenados, e os resultados práticos revelaram-se muito satisfatórios durante as grandes manobras dos atiradores.

Estamos em 1914. Surge, de repente, a declaração da

guerra entre a Áustria e a Sérvia e logo a seguir entre a Áustria e a Rússia e entre a Rússia e a Alemanha. As três potências opressoras entram na luta mortal que as esfacelará.

Chega, em virtude destes acontecimentos, o momento tão desejado pelos patriotas polacos: uma guerra pan-europeia para libertação dos povos oprimidos.

Na véspera destes acontecimentos, José Pilsudski, aproveitando o momento favorável aos seus propósitos, de acôrdo com o govêrno austro-hungaro, ordenou a mobilização dos atiradores em Cracóvia a fim de que o esfôrço nacional pesasse na balança histórica. A sua ideia fixa era a queda da poderosa Rússia, queda que lhe parecia inevitável.

Os jovens atiradores, reünidos em Cracóvia, foram fardados e armados com carabinas do antigo tipo «Verndl». Fieis ao juramento e cheios de confiança em José Pilsudski, seu chefe, marcharam os atiradores para a sonhada guerra. Na noite de 5 de Agosto saíu de Cracóvia a famosa primeira companhia para atravessar, ao amanhecer, a fronteira da Polónia russa. Esta companhia era a vanguarda do exército dos atiradores. As outras companhias seguiram-na de perto. Frutificava finalmente o longo trabalho de José Pilsudski e dos seus partidários. Cinquenta anos depois da última insurreição armada para a conquista da independência

aparecia, pela primeira vez, o soldado polaco sob a protecção da bandeira nacional.

Tôda a Polónia pertencente à Áustria prestou a Pilsudski o seu apoio moral e material. A Polónia russa, em consequência da proclamação do grão-duque Nicolau, Chefe Supremo do Exército russo, manteve-se neutral. A população da Polónia, então sob o domínio da Alemanha, sem compreender o génio de Pilsudski, também conservou durante tôda a guerra uma atitude indiferente. Devido a êste facto surgiram vários conflitos, insuficientes contudo para impedirem a formação, na Polónia inteira, duma corrente forte que prestou apoio dedicado a José Pilsudski.

Já no momento da entrada dos atiradores na guerra se desenhára um certo antagonismo entre o partido conservador nacional-democrático e os partidários de José Pilsudski ; êste antagonismo transformou-se, com o tempo, numa luta surda que ainda hoje continua.

Os atiradores que, primeiro, constituíram o 1.º Regimento de Infantaria, e logo em Setembro do mesmo ano, se trasformaram na 1.ª Brigada das Legiões, passaram a ter uma sorte muito incerta. Em Setembro e Outubro receberam o baptismo de fogo nos primeiros combates, em Kielce, na região dos rios Nida e Vistula, em Opatowiec, etc. Nestes combates caíram as primeiras vítimas, enlutando a grande família dos atiradores, estreitamente unidos, já antes da

guerra, pelos laços da amizade e da fraternidade. Em Setembro de 1914, José Pilsudski foi promovido a coronel e a comandante do 1.º Regimento de Infantaria das Legiões. Junto dos seus queridos companheiros, Pilsudski, nos momentos difíceis, dava-lhes um alto exemplo de coragem, arriscando a vida nas primeiras linhas de combate. Pilsudski teve de lutar, por êste punhado de homens, não só com as armas, mas também contra más vontades e atitudes hostis, tendo conseguido criar uma atmosfera de respeito para si e para os seus soldados. Êstes idolatravam o seu chefe e a ideia que êle personificava.

O turbilhão da guerra europeia elevou, José Pilsudski e o seu pequeno grupo de soldados, a uma «altura de Epopeia».

Em Dezembro de 1914, os grupos de José Pilsudski foram reorganizados, tendo sido concentrados na célebre 1.ª Brigada das Legiões. Pilsudski foi promovido a coronel-brigadeiro. A 2.ª e a 3.ª Brigadas, (esta última particularmente hostilizada pelas autoridades militares austríacas), não foram submetidas ao comando de Pilsudski ; mas embora comandadas por outros, gravitavam à sua volta, procurando na serena e digna personalidade do chefe, consolação contra o desânimo e o desespêro — intrusos inevitáveis dos acampamentos. Tiveram então lugar os renhidos combates de Laski, Krzywoploty, Lowczówek, Konary, Tarłów, Jastków e Wolyn,



tendo êste último ceifado as vidas dos melhores filhos da família legionária. O sangue derramado em Wolyn cimentou as três Brigadas, que, a partir de então, formaram a frente única polaca.

Brilhantes vitórias se sucederam, uma após outra, mas os legionários ainda não viram desta vez os frutos do seu sacrifício: um govêrno independente e um exército regular nacional. Os austríacos e os alemães comportavam-se na Polónia ocupada como em país inimigo. Pilsudski exigiu à Áustria e à Alemanha uma explicação clara àcerca da futura sorte da Polónia, pois os acontecimentos demonstravam, duma maneira evidente, a má vontade e o desejo de enganar os polacos e de explorá-los a favor de interêsses alheios à Polónia.

Como resposta, em 26 de Setembro, José Pilsudski é demitido. Para os legionários o golpe foi terrível. Privados de assistência moral, caíram no desespero.

Neste momento de depressão geral, só Pilsudski conservou a serenidade e encarou o futuro com teimosa confiança. Sem perder tempo vai para Varsóvia pôr-se à frente da Organização Militar Polaca (P. O. W.), fundada secretamente no comêço da guerra e em previsão dum próximo rompimento com a Áustria. Em Varsóvia, grupos de voluntários e os seus legionários reúnem-se novamente, prontos a enfrentar o inimigo.

Em virtude da demissão do chefe polaco ha-

viam desaparecido os motivos que levavam os alemães e os austríacos a simular a confiança. Pilsudski achou oportuno revelar a sua verdadeira atitude, exigindo em troca do sangue polaco, derramado na Rússia, a independência real duma Polónia grande e poderosa, e não aquela ilusão proclamada em 5 de Novembro de 1916. O resultado foi encontrar inimigos declarados nos dois pseudo-aliados.

Apezar de tudo, para esconder a sua actividade secreta, em 10 de Janeiro de 1917 aceita o posto de Chefe da Comissão Militar por nomeação do Conselho Provisório do Estado de Varsóvia. Ordena então a concentração de todos os esforços na Organização Militar Polaca (P. O. W.), que se entende por tódia a Polónia, se infiltra nos exércitos ocupantes, unindo em sociedades secretas os militares polacos que servem nestes exércitos.

Os austro-alemães percebem imediatamente o perigo que representa para êles a actividade de Pilsudski, mas, de momento, limitam-se a observá-lo com aparente benevolência. Quando, porém, Pilsudski se pronuncia abertamente contra a sujeição à Alemanha e categoricamente regeita a fórmula do juramento que proclamava a fraternidade das armas entre alemães e polacos, quando, finalmente, pede a demissão do cargo para que fôra nomeado em Conselho Provisório do Estado, as autoridades alemãs, na noite de 13 para 14

de Julho de 1917, ordenam a prisão de todos os chefes da Organização Militar Polaca (P. O. W.)\*.

No dia 22 de Julho, ao amanhecer, José Pilsudski e o coronel Kazimierz Sosnkowski, seu fiel colaborador, são presos e transportados para a fortaleza de Magdeburgo, na Alemanha. Muitos dos legionários ficaram retidos em campos de concentração, em Szczy-piorno e Benjaminow, outros foram incorporados nas fileiras do exército, austríaco em luta com os italianos. Os membros da Organização Militar Polaca (P. O. W.) encheram as prisões e as cidades da Alemanha. Os que conseguem fugir não esquecem, porém, o chefe e continuam secretamente a obra interrompida. Os poucos legionários que se encontram em liberdade, reúnem-se e formam a Fôrça Armada Polaca e o Corpo Auxiliar Polaco, conservando avaramente as armas e guardando-as para momento mais favorável. Êste momento chega de facto, mas muitos meses depois, nos emocionantes dias de Outubro e de Novembro de 1918, quando o poder militar da Alemanha e da Áustria se desmorona...

O govêrno polaco, constituído em Lublin em 15 de Novembro de 1918, mobiliza a P. O. W. e procede ao desarmamento dos alemães e dos austríacos, des-

---

(\*) Nota do tradutor: — O autor dêste livro foi também prêso pelas autoridades alemãs.

moralizados pelas revoluções dos seus respectivos países. O Poder passa para as mãos da nação polaca. Em Cracóvia nasce espontaneamente a Comissão de Liquidação, exercendo o poder sobre esta parte do território polaco. O edifício da Polónia livre cresce por vontade firme da nação e sem ajuda alheia. José Pilsudski chega a Varsóvia em 10 de Novembro e nesse mesmo dia assume o cargo de Chefe Supremo do Exército Nacional, formado pelos seus antigos companheiros de armas e por novos soldados ao serviço da Polónia já independente.

Só neste momento a Nação compreendeu o génio de Pilsudski, a sua lucidês e a sua firmeza. Êste grande homem de Estado, ao lançar na balança dos acontecimentos os seus destacamentos de atiradores, previra a derrota da Rússia, e ao formar, no comêço da guerra, a poderosa P. O. W., tivêra também intuição do desmoronamento da Áustria e da derrota dos alemães. Nem a prisão na fortaleza de Magdeburgo pudera destruir a sua fé na derrota final dos Teutões!

Graças a José Pilsudski, surge, a substituir as autoridades invasoras, desagregadas pelas derrotas militares e pela revolução, uma nova fôrça bem disciplinada, composta pelos Legionários e pelos membros da P. O. W., patriotas ardentes dispostos a obedecer cegamente à voz do seu adorado chefe.

O «Govêrno popular de Lublin» passa para Pilsd-

ski e, ao mesmo tempo, o «Conselho da Regência», govêrno provisório do minúsculo estado polaco, creado pelas Potências Centrais em virtude do acôrdo de 15 de Novembro de 1916, declina nas suas mãos o poder. Assim Pilsudski toma conta do govêrno como ditador do Estado Polaco.

No dia 12 de Novembro, Pilsudski, publica a sua primeira proclamação ao exército :

«Soldados : Assumo o comando no momento em que o coração polaco lateja mais vivo e mais forte no momento em que os filhos da nossa terra tornam a ver, em todo o seu esplendor, o sol da liberdade. Como vós, sinto a emoção desta hora histórica, como vós, juro sacrificar o meu sangue e a minha vida pelo bem da Pátria e dos seus cidadãos.»

A partir dêste momento, a vida de Pilsudski identifica-se com a história do renascente e reconstruído Estado Polaco. Na sua qualidade de Ditador, Pilsudski confia a formação do govêrno a Moraczewski, encarregando-o especialmente de normalizar e legalizar a vida do Estado, e, antes de mais nada, encarrega-o de preparar a convocação da Câmara dos Deputados (Sejm), à qual resolve entregar o seu ilimitado poder.

A tarefa, porém, não era fácil.

Enquanto se procedia com entusiasmo à criação dos órgãos indispensáveis ao bom funcionamento do governo, e o exército, composto na sua maioria de voluntários, reconquistava, com enorme sacrifício, o solo polaco, os inimigos internos e externos tentavam aproveitar-se desta situação ainda confusa.

Os ucranianos, os russos, os lituanos, os alemães e os tchecos atacavam a Polónia por todos os lados. Mais dolorosas, porém, eram as lutas intestinas. Disputas sem fim, intrigas políticas e calúnias não poupavam sequer o próprio Pilsudski. O partido nacional-democrático distinguiu-se tristemente nesta odiosa campanha.

Só nervos de aço, endurecidos por milhares de lutas e de decepções, poderiam resistir sem quebrar. Em vez de vingar-se, Pilsudski, perdoava aos seus adversários políticos. Para desfazer as calúnias resolveu então demonstrar os belos resultados práticos do seu enorme trabalho.

O método foi excelente.

Pouco a pouco, os adversários depuzeram armas e, quando em 9 de Fevereiro de 1919, Pilsudski quis renunciar ao seu poder ditatorial, a Câmara (Sejm) não aceitou a sua demissão, e, ao abrigo da famosa lei da «Pequena Constituição», conferiu-lhe a dignidade de Chefe de Estado, «Magistrado Supremo do Estado, responsável perante o Sejm». Das anteriores atribui-

ções de Pilsudski, o Sejm reservou para si «o poder soberano e legislativo».

Pilsudski, na qualidade de Chefe de Estado e de Chefe Suprêmo do Exército, conseguiu resultados dignos de memória: alargou e reforçou as fronteiras do Estado, reconquistou o seu amado Wilno e repeliu os russos que invadiam continuamente o território da República da Polónia. Na política interna também obteve grandes êxitos, sendo o mais importante a coordenação da administração, tendo vencido dificuldades enormes provenientes das legislações diferentes que actuavam nos territórios da Polónia ocupados por autoridades de países diferentes. Mas foi sobretudo ao Exército — base da ordem e da segurança — que Pilsudski dedicou o seu maior esforço.

Os antigos membros da P. O. W., numerosos voluntários e os prisioneiros que se encontravam no estrangeiro, formaram o Exército Polaco. Este, como prova de gratidão e para lhe provar a sua confiança, ofereceu a Pilsudski o bastão de marechal, insígnia da suprêma dignidade militar.

Será possível fazer hoje a história exacta das obras levadas a bom termo por José Pilsudski? Só mais tarde, muito mais tarde, será possível completar com absoluta imparcialidade, e com auxílio de material histórico, hoje desconhecido e parcialmente inacessível, o quadro desta época da vida nacional.

Hoje apenas é possível sublinhar os feitos mais importantes dêste período de doze anos, e, estudando-os, apreciar intuitivamente o génio de Pilsudski, cuja personalidade só pode comparar-se à dos grandes estadistas e heróis nacionais.

Nem tôdas as suas ideias foram realizadas, nem sempre conseguiu o seu intento. A Nação nem sempre se mostrou capaz de compreender em tôda a sua extensão as ideias dêste verdadeiro chefe. Daqui surgirem equívocos e choques, por vezes muito dolorosos para Pilsudski. Foi, em virtude dum dêstes mal-entendidos, que se malogrou umas das maiores concepções conhecidas da História : a ideia da opinião defendida na época da dinastia dos reis polacos Jagiellones.

Não realizaram os Estados Unidos da América do Norte a ideia da União? Não conseguiu o Reich alemão a sua situação de grande potência graças à federação dos Pequenos Estados? Também os Sovietes da Rússia fundaram o seu regímen pela união dos vários Estados Nacionais provenientes da queda do grande Império Moscovita.

Pilsudski queria ressuscitar a ideia genial dos reis Jagiellones, baseada numa união com a Lituânia e com a Ukrânia. Pela primeira vez deu expressão a esta ideia numa proclamação dirigida em 22 de Abril de 1919, depois da reconquista de Wilno, aos habitantes do Grão-Ducado da Lituânia. Fiel a êste programa, em-



preendeu a famosa ofensiva contra Kiew, em 1920. Infelizmente, apesar dos êxitos iniciais, dos quais o mais importante foi a expulsão dos bolchevistas para além do rio Dniepr, o exército polaco insuficientemente apoiado pelos seus aliados ucranianos, não teve fôrças para resistir às ofensivas bolchevistas, iniciadas no Norte, na frente chamada «a porta de Smolensk», e teve de bater em retirada, sofrendo importantes derrotas. Entretanto as hordas bolchevistas continuavam a avançar, ameaçando a capital do País.

À Polónia, recentemente liberta, parecia inevitável um novo período de opressão. Com efeito a nação polaca achava-se então a um passo da catástrofe.

Naquela hora trágica só Pilsudski conservou a fé na sua própria energia e nas energias da Nação.

Reünindo tôdas as fôrças vivas do país, logrou reforçar o exército com elementos novos, deter o inimigo, e, recorrendo a uma audaciosa manobra, atacá-lo pela rectaguarda, vencendo-o definitivamente. Batidos em tôdas as frentes, os russos tiveram de pedir a paz. A batalha de Varsóvia, em Agosto de 1920, a que o povo logo chamou o «Milagre do Vístula», pode ser comparada às mais gloriosas batalhas da história polaca, como a de Grunwald, em 1410, e a de Viena, em 1863.

A batalha do Vístula teve uma grande importância, não só para a Polónia como também para a Europa,

pois as hordas asiáticas, detidas pelo exército polaco, ameaçavam já destruir a civilização ocidental. José Pilsudski salvou a Europa, como a salvaram o duque Henrique III, o Devoto, em Lignica, no século XIII, e o rei Ladislau em Varna, no século XV. Este feito de Pilsudski foi reconhecido por muitos chefes militares e estadistas estrangeiros, e ultimamente pelo Embaixador de Inglaterra em Berlim, Lord d'Abernoon, que nas suas memórias sobre a sua estada em Varsóvia durante a guerra de 1920, exalta a extraordinária figura de Pilsudski e conclui assim :

«Em 1920 a Polónia salvou a Europa detendo a invasão dos bárbaros orientais».

O resultado imediato da vitória de 1920 foi a Convenção de Riga, concluída em 18 de Março de 1921, em virtude da qual foram finalmente estabelecidas as fronteiras orientais da Polónia. Além disso foi salvo o território de Wilno, que fôra prometido pelos russos à Lituânia. O general Zeligowski conquistou definitivamente Wilno que veio juntar-se aos territórios da Polónia. Também o plebiscito de 20 de Março de 1921, realizado no Alta Silésia sob a influência da vitória do Vístula, teve um resultado favorável para a Polónia. Mas os frutos mais importantes desta vitória foram a paz e tranqüilidade que deram início a um trabalho sistemático de reconstrução, coroado pela votação da Constituição na sessão solene

da Câmara dos Deputados, em 17 de Março de 1921.

Chega então o período da consolidação interna. A Câmara vota a união do território de Wilno, a rectificação de várias convenções e a promulgação das leis eleitorais. Durante o período legislativo do primeiro Sejm polaco deu-se uma crise ministerial digna de ser mencionada pelas conseqüências que teve. Ponikowski era então Presidente do Ministério. Numa das reuniões do Conselho de Ministros, Pilsudski fêz uma severa crítica à política do Ministério, provocando assim a sua demissão em 6 de Junho de 1922.

O Chefe do Estado aceitou a demissão alegando a necessidade dum govêrno forte por causa da situação externa e interna e especialmente por causa das novas eleições.

Então, quando se realizavam as *démarches* necessárias para a formação dum novo gabinete, Pilsudski exigiu do Sejm esclarecimentos sôbre a chamada «Pequena Constituição» de 10 de Fevereiro de 1919, em virtude da qual o Chefe do Estado nomearia os ministros de acôrdo com o Sejm, e aproveitou a ocasião para pôr em dúvida a legalidade da Junta dos Maiores — Konwent Seniorow —, composta pelo presidente do Sejm e pelos chefes dos partidos, instituição não prevista pela lei nem pelo regulamento do Sejm. Esta instituição arbitrária que pretendia ter em cada crise

um papel predominante apoderando-se do direito de designar os chefes do govêrno, foi precisamente a causa do primeiro choque entre Pilsudski e o Sejm.

O incidente terminou com a vitória de Pilsudski e o Sejm aceitou o seu ponto de vista. Em duas palavras : Pilsudski principiou a lutar com a «sejmocracia», defendendo os interêsses suprêmos do Estado de qualquer tentativa de usurpação.

As eleições de Novembro de 1922 não modificaram as características do novo Sejm. Como o anterior, êste não soube crear uma maioria durável e baseada em princípios sãos. A constituição de Março limitava consideravelmente as funções do Chefe Suprêmo, reduzindo-as a funções puramente representativas e Pilsudski, homem de acção, não aceitou a candidatura para Presidente da República, que então lhe foi oferecida.

Nas eleições venceu o seu amigo Gabriel Narutowicz, que foi eleito para a presidência pelos partidos populares. Alguns dias depois da sua proclamação caía mortalmente ferido à bala por um desequilibrado, influenciado pelo ambiente de demagogia que em volta da eleição presidencial fôra suscitado pela imprensa dos partidos reaccionários e em especial pela nacional-democrática.

Para o lugar do presidente assassinado foi eleito Stanislaw Wojciechowski. A trágica morte de Gabriel

Narutowicz comoveu profundamente a consciência nacional. O atentado causou uma indignação geral.

Só então Pilsudski, que resistira a uma abominável campanha, indigna de homens honrados, só então Pilsudski, sempre disposto a perdoar as injúrias pessoais, avaliou bem a decadência dêstes homens que, levados por uma cega exaltação, se transformaram em guias morais do crime.

Apezar do Sejm haver declarado que «o marechal bem merecera da Pátria», êste nega categoricamente a sua colaboração aos políticos da maioria entre os quais se encontram os seus peores inimigos. Retira-se então para Sulejowek, a dois passos de Varsóvia, e dedica-se aos estudos históricos, especialmente a investigações sôbre a guerra de 1920.

Os importantes trabalhos de Pilsudski como historiador e publicista eram quási desconhecidos até há pouco, porque muitas das suas obras foram publicadas sem assinatura e outras com pseudónimos, e só agora apareceram reunidas numa colecção completa.

Ainda que retirado da vida pública, Pilsudski não deixou nunca de ser o representante de todas as fôrças sãs da Nação. A opposição não podia perdoar-lhe esta autoridade moral e, quando no dia 19 de Março, dia do seu santo, o Corpo de Officiais se apresentou em Sulejowek para felicitar o chefe vitorioso, a imprensa reaccionária pediu para êstes oficiais o Conselho de

Guerra. Imediatamente a casa habitada por Pilsudski e pela sua família passou a ser um lugar de peregrinação para os patriotas.

A situação política agravava-se de dia para dia.

A «sejmocracia», para a qual Pilsudski chamava a atenção do país já em 1922, pondo-o de sobreaviso, transformou-se num sistema de govêrno, à frente do qual estava um homem bem intencionado, mas débil e incapaz de opôr-se aos poderosos chefes dos partidos políticos. O único critério dos homens de Estado passou a ser a doutrina partidária.

Pilsudski, que não deixára nunca de observar os acontecimentos, adverte o Presidente Wojciechowski das conseqüências da sua debilidade e da sua falta de resolução. Mas êste, em vez de tomar uma decisão, pronta para anular a pressão e a intromissão dos partidos nos negócios do Govêrno, responde que, apesar da sua boa vontade, a fôrça da imprensa ultrapassa as suas próprias fôrças. A situação exigia pois remédios imediatos e radicais. Aproximava-se a hora dos homens fortes.

Como em tantos momentos difíceis, Pilsudski, não hesitou em assumir tôdas as responsabilidades.

Em 1926 houve um choque sangrento, conhecido pela designação de «acontecimentos de Maio», e a ideia sã venceu.

O Presidente Wojciechowski abandonou o seu alto

cargo. Desta vez, Pilsudski, declarou guerra a todos os elementos duvidosos.

Em 26 de Maio de 1926 afirmou aos representantes dos partidos do Sejm e do Senado :

«O Sejm e o Senado têm demasiados privilégios. É necessário que os homens chamados «a exercer o poder tenham mais largas «atribuições, mais liberdade, mais possibilida-  
«des de responder pelos seus actos. O Presi-  
«dente tem de formar os governos, como enten-  
«der, sem a pressão dos partidos. O meu  
«programa é diminuir os abusos e entrar num  
«caminho de honestidade. Espero consegui-lo  
«e asseguro-vos, meus senhores, que não mu-  
«darei!»

Nestas palavras fortes concentrou o grande educador da Nação, guarda da honra nacional, o seu futuro programa.

Eis os pontos de partida do programa de Pilsudski : introduzir uma nova ordem na Polónia, dar-lhe um governo forte e responsável, acabar com a demagogia, aumentar o prestígio da República no país e no estrangeiro, sobrepô-lo aos interesses particulares, e, sobretudo, levantar a nação da decadência moral para que fôra arrastada pelos políticos «providenciais».

O facto de Pilsudski ter sido eleito Presidente da República, em 31 de Maio, por uma grande maioria de votos, demonstra claramente que o próprio Sejm, em sua consciência, sentia, como Pilsudski, a necessidade dum saneamento geral.

Pilsudski não aceitou a presidência, apesar da importância dêste facto que podia ser considerado como a legalisação do golpe de Estado, e explicou a sua recusa por estas palavras: «Não posso arrancar da minha memória a recordação da trágica morte do Presidente Narutowicz, assassinado, que não consegui salvar do seu cruel destino. Declaro mais uma vez que não posso viver sem uma actividade directa e a Constituição vigente nega ao Presidente tóda a actividade». Então a Assembleia Nacional elege para Presidente o professor Ignacy Moscicki, amigo e homem de confiança de Pilsudski.

Pilsudski não perde de vista a «actividade directa». Primeiro como ministro da guerra e Inspector Geral das Fôrças Armadas, depois como presidente do Ministério e enfim como ministro dos diferentes gabinetes dos seus íntimos colaboradores, continua a ter um papel decisivo nos mais importantes assuntos do Estado. Tendo tóda a confiança do Presidente Moscicki e da maioria da Nação, Pilsudski, desde os acontecimentos de Maio, exerce o poder quási sem interrupção. Gradualmente, sem pressa, medindo cada passo e pesando



cada decisão, vai realizando o seu programa salubre, indiferente às insinuações dos seus adversários políticos que constantemente tentam perturbá-lo.

Não chegou ainda o momento de fazer a síntese destas transformações e destes factos contemporâneos, nem se pode ainda analisar a vida do Chefe da Nação Polaca pois, como no tempo da guerra, a sua vida novamente se identifica com a história da Polónia actual.

Os resultados da obra do Marechal Pilsudski e dos seus governos são de tal importância em todos os domínios da vida do Estado, que formarão uma época à parte na história da República.

A estabilidade definitiva da moeda polaca, Zloty, o equilíbrio do orçamento, a intensificação da produção, a construção do pôrto de Gdynia e da frota comercial, a reforma administrativa, a reforma da Instrução Pública e tantas outras, o aumento do prestígio da Polónia no estrangeiro—eis os mais importantes capítulos para o futuro historiador. O maior esforço empregou-o Pilsudski nas obras de reforma constitucional e no saneamento do parlamentarismo, elevando o seu nível moral.

Logo nos primeiros meses conseguiu Pilsudski fazer votar as várias leis importantes que modificaram a Constituição de 17 de Março.

Antigamente o poder do Presidente era consideravelmente limitado pelo Parlamento; agora, pelas novas

leis, êste tem atribuições definidas e bastante amplas. O Presidente tem, por exemplo, o direito de dissolver o Sejm antes do termo do período legislativo e de promulgar decretos, com a fôrça de lei. Desta forma entraram em vigor muitas leis que dormiam há muito sem despacho.

Entre os decretos promulgados pelo Presidente da República, podemos citar os estatutos da Instrução Pública e o novo Código Penal.

O Govêrno da República, que antes fôra um joguete nas mãos das ocasionais manobras parlamentares, sem autoridade suficiente, incapazes de empreender qualquer trabalho sistemático de maior alcance, passou agora a ser um govêrno homogêneo e forte. Mas, faltava ainda a reforma principal do parlamentarismo, mais difícil de conseguir. A nova conspiração de 1930, organizada pelos adversários políticos do govêrno, desde os socialistas mais avançados aos reaccionários, facilitou a tarefa.

José Pilsudski enfrentou mais uma vez esta demagogia partidária, chamada «centrolew», mas desta vez, na sua qualidade de 1.º Ministro, pediu ao Presidente da República a dissolução do Sejm bem assim como novas eleições.

Operou-se então em todo o país uma reacção contra os partidos políticos e todos os elementos de bom senso, todos os patriotas se reuniram em volta de Pilsudski,

prestando o maior apoio moral à sua obra de saneamento. As novas eleições tiveram um extraordinário êxito e deram uma maioria formidável aos representantes do «bloco de colaboração com o Govêrno», chefiado por Pilsudski.

As ideias sãs triunfaram.

«... Temos finalmente de voltar o mapa da «História, cheio para nós de tão tristes recordações, dum passado tão desolador e de feitos «tão vergonhosos, para podermos mais livremente, mais fâcilmente trabalhar para o futuro da Polónia.»

Eis as palavras do Chefe da Nação em 25 de Outubro de 1930, por ocasião das eleições para o quarto Sejm.

A difícil tarefa de «voltar o mapa da História» polaca, será coroada pela reforma constitucional, que é uma das maiores preocupações do Marechal Pilsudski. Esta reforma constituirá, sem dúvida, uma base sólida para o desenvolvimento da República da Polónia, e terá sempre em vista as lições da história, especialmente as experiências da «sejmocracia» em 1926 e 1930.





1152